

ALANA ROSA | Rafaela Thais Gomes Teixeira

Ela disse não.

Tão curto,
tão inteiro,
tão educado,
tão dela.

Mas o mundo,
que aceita números,
não aceita negativas.

“Não” virou notícia,
Notícia virou número,
Número virou rotina.

Mais de quinze facadas, reportaram.
Mais de trinta, corrigiram depois.
Como se a precisão da lâmina
importasse mais
que o corte da recusa.

Ele não aceitou o “não”.
E o jornal, idem:
prefere “crime passionai”,
como se paixão fosse faca,
e não desculpa.

Ela disse não,
e o não virou nó.
Nó na garganta da mãe,
nó no texto do repórter,
nó na estatística que cresce,
como se fosse normal.

Normal:
palavra que anormaliza a dor,
que reduz sentimentos,
que diminui mulheres.

POETIZAR

Invadiu a casa,
invadiu o corpo,
invadiu o direito de negar,
e tentou invadir o direito à vida,
mas, emotivas são as mulheres.

E ainda perguntam:
“por que não saiu antes?”
Como se o perigo tivesse porta,
e o medo tivesse aviso prévio.

“Era só um admirador”, dizem.
Admiração que fere,
afeto que perfura,
amor que mata,
ou melhor:
não era amor.
Era posse com verbo bonito.

O “não” dela
foi tratado como erro de pronúncia,
como se mulher tivesse que conjugar
sempre no sim.

Sim, sorri.
Sim, aceita.
Sim, suporta.
Sim, cala.

Mas quando ela disse não,
o mundo respondeu com aço,
o que importa não foi o ato,
mas o que ela fez
para justificá-lo.

Em mundo de proteção masculina,
O que interessa

Não é a barbárie do homem,
Mas a escusa que ele fornece.

E amanhã,
outra manchete dirá
"mais uma".

Mais uma...
menos uma.

Porque a matemática da violência
é essa conta cruel:
transforma vidas em dados
e dados em silêncio,
e deixa vítimas em lápides.

E no fim,
o mais bárbaro
não é só a faca.

É o costume,
de ler isso tudo
como se fosse
apenas mais uma linha
no rodapé do dia.

É saber
que amanhã
terá uma nova história
porém, repetida.